

**PENSAMENTO CÍCLICO: O ENCONTRO DA IDEIA DE RELAÇÃO DIALÓGICA EU-TU DE MARTIN BUBER COM O MITO DO ETERNO RETORNO DE MIRCEA ELIADE.**

**Pedro Debs Brito<sup>1</sup>**

**Resumo:**

O objetivo deste artigo é trabalhar com as noções que Mircea Eliade e Martin Buber produziram em suas obras *O Mito do Eterno Retorno* e *Eu e Tu*, respectivamente. Aqui, o que nos chama atenção como uma possível ponte das ideias de ambos os estudiosos é a ideia da repetição da cosmogonia, formulada por Eliade, como um fundamento arquetípico para a relação dialógica que Buber propõe. O que entendemos é que a atualização do sujeito ao falar a palavra-princípio Eu-Tu reconstrói um ato primordial e arquetípico do humano, então nossa proposta é que a relação é um arquétipo para a existência humana. Nossa proposta é descobrir se essa hipótese é possível ou não por meio da leitura dos textos *Mito do Eterno Retorno* e *Eu-Tu*.

**Palavras-chave:** Dialogia. Eu-Tu. Mito Do Eterno Retorno. Arquétipo. Cosmogonia.

**Introdução**

Este artigo nasceu a partir dos debates realizados na disciplina “Jornalismo, Narrativas e Conhecimento: as narrativas míticas” do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, que teve como foco discutir a construção de uma visão mais compreensiva do conhecimento, dando voz a outros saberes normalmente negados em espaços acadêmicos: no caso da disciplina, o mito. Foram estudados autores como Mircea Eliade, Carl Gustav Jung, Roland Barthes, Claude Lévi-Strauss e Joseph Campbell, que possuem muito a agregar ao tema do mito nos estudos contemporâneos. Este trabalho teve como fundamento as conversas realizadas nessa disciplina e sua problematização, e proposta central, de propor um encontro da ideia de Martin Buber sobre a relação dialógica Eu-Tu e como essa relação atualiza o sujeito frente a ideia de Mircea Eliade do mito do eterno retorno, que toma o tempo como

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, do programa Comunicação na Contemporaneidade, Linha de Pesquisa: Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento. Email: [pedro.debs@gmail.com](mailto:pedro.debs@gmail.com).

cíclico e não mais como histórico. A principal pergunta a que nos propomos é evidenciar se há ou não uma relação entre essas noções e, no caso de existir essa ponte entre os pensamentos, de que maneira que ela se constrói?

## **Por outro entendimento do mito**

Como um dos objetivos do curso foi o de nortear nosso pensamento indicando que o mito também possui um papel de conhecimento, frente à visão costumeira que associa a ideia de um mito a uma história falsa, o início deste artigo se preocupará com a busca de um outro entendimento do que é um mito.

Nossa cultura ocidental iluminista tem como uma de suas principais características que a Razão é uma deusa que toda a vida e o mundo devem utilizar como guia para viver corretamente. Numa cultura como essa, o mito torna-se pouco compreendido e jogado num inferno subcultural. Armstrong (2005:25) diz que. “Um mito não transmite informações factuais, é antes de mais nada um guia do comportamento. Sua verdade só se revela se ele é posto em prática – em termos rituais ou éticos. Se for lido como pura hipótese intelectual, torna-se remoto e inacreditável”. Desse modo, o mito exige uma ação ritualística (ou ética) que o insira no mundo, que invoque seu significado e o traga para junto do nosso tempo, num processo de contemporaneização. Somente na repetição desse mito é que ele ganha significado aderente à nossa realidade. Daí que ele não pode ser confundido com uma história antiga, mas, sim, como uma mensagem arquetípica do humano. Nesse sentido, Kunsch (2008b:50) defende que o mito “não é sinônimo de atraso, ilusão ou trevas. É, sim, uma maneira de a cultura humana ontem como hoje tentar dar conta dos segredos e mistérios do mundo”. Hoje, então, a humanidade ainda mantém relação próxima com o mito, Campbell, (2005:15) vai dizer que o mito é uma abertura para as energias dos cosmos participarem das manifestações culturais humanas e, aí que por conta desse aparecimento nas manifestações culturais é que o mito aproxima o humano do mundo, uma vez que ele ampara nossos medos, nossas angústias e nossos receios.

Uma outra visão do mundo é possível com o auxílio dos mitos. Frente ao racionalismo que ilumina o mundo, os mitos auxiliam numa visão ontológica do homem, dele com ele mesmo. Quando o homem precisa mergulhar em si mesmo para buscar algum entendimento, é o mito que auxilia nessa empreitada. Não que a razão não colabore para a compreensão do mundo, mas fechar nossos sentidos e nossa capacidade cognitiva num único canal intitulado de Razão é que prejudica nossa existência neste mundo.

O mito, também possui uma dimensão temporal distinta que merece uma breve ponderação: o mito possui um tempo cíclico. Lage Neto (2010) comenta que assim como o mito, nossa vida também concebida por ciclos e que, culturalmente, nós damos início a um novo ciclo e nos despedimos do antigo ciclo, mesmo sem nos darmos conta. Por exemplo, o ritual de passagem que marca a adolescência é a formatura do colégio, momento em que se espera que o formado não aja mais igual ele agia no dia anterior, posto que ele é agora um formado. Cada ciclo faz com que o sujeito se transforme num “novo-eu” se despedindo do “antigo-eu”.

Tendo em vista essa primeira apresentação sobre o mito, partimos para as ideias de Mircea Eliade sobre o Mito do Eterno Retorno e, em seguida, a relação dialógica do Eu-Tu que Martin Buber propõe.

## **Mircea Eliade**

Mircea Eliade (1907-1986) foi Filósofo e antropólogo da religião, nascido na Romênia (Bucareste) se formou em filosofia pela Universidade de Bucareste tendo publicado no ano de 1949 publica seu livro *O Mito do Eterno Retorno*, que lhe trouxe o reconhecimento internacional. Para esse pensador o homem contemporâneo perdeu sua relação com o Cosmo que possuía – e como é afirmado pelo mesmo pensador em seu livro *O Mito do Eterno Retorno*, os sujeitos de sociedades primitivas<sup>2</sup> possuíam uma relação com os rituais e com o significado cosmogônico de tais cerimônias que parece ter ido se perdendo ao tempo. A essa

---

2 O termo primitivo aqui não deve ser encarado de maneira comum “ultrapassado”, mas como o primeiro, a gênese, o início.

perda, Eliade (1992:8) indicou que o sujeito contemporâneo tenta a todo custo vincular-se somente à História linear. Em contraponto, o tempo cosmogônico, do ato repetido pelos homens, segue outra lógica:

Mais do que isso, é uma "história" que pode ser repetida de maneira infinita, no sentido de que os mitos servem como modelos para cerimônias de reatualização periódica dos importantes eventos ocorridos no princípio dos tempos (Eliade, 1992:9).

Essa relação com o tempo é chave fundamental para a ponte que pretendemos erguer entre as ideias de Eliade e Buber, por isso insistamos outra vez: o sujeito moderno se vê ligado unicamente à História linear esquecendo-se da visão de tempo cíclico, como ciclos que vão iniciando e se fechando, dando a noção de começo e fim, de caos e cosmo. Os homens primitivos, pelo contrário, tendem a se guiar pela renovação do tempo, regenerando suas sociedades a partir de rituais. Aqui destacando a ideia do eterno retorno, podemos perceber que Eliade entende esse ritual como uma repetição do ato primordial de criação do mundo.

Explica

os atos humanos — aqueles, naturalmente, que não têm origem no mero automatismo. Seu significado, seu valor, não estão vinculados a seus rudes dados físicos, mas sim à sua propriedade de reproduzir um ato primordial, de repetição de um exemplo mítico. A nutrição não representa uma simples operação fisiológica; ela renova uma comunhão. O casamento e a orgia coletiva são ecos de protótipos míticos; são repetidos porque foram consagrados no começo ("naqueles dias", *in illo tempore, ab origine*) pelos deuses, pelos ancestrais ou por heróis. (...). Tudo o que ele faz já foi feito antes. Sua vida representa a incessante repetição dos gestos iniciados por outros. Essa repetição consciente de determinados gestos paradigmáticos revela uma ontologia original (Eliade, 1992:12-13).

Ou seja, o homem primitivo recriava a sua realidade ao repetir um ato primordial. Os sentidos e os significados do mundo eram colocados numa determinada ordem, num cosmo, e por isso o nome dado por Eliade de ato cosmogônico, pois é uma repetição de um arquétipo, um símbolo bem estabelecido na memória dos seus companheiros e do próprio sujeito primitivo.

Uma crítica de Eliade à sociedade contemporânea é de justamente tentar se desgarrar a essa maneira de viver no mundo, de tentar apagar da memória os mitos que se configuram justamente como as lembranças de um ato cosmogônico. Esquecer o mito, para o autor, é o

mesmo que não repetir mais tal arquétipo, é se desligar da tentativa de por ordem (cosmo) no caos.

Em certa altura do texto, o autor explicita seu objetivo com o livro, e desse objetivo acredito que consigamos extrair uma questão necessária para este trabalho:

Aqui pretendemos destacar apenas duas importantes propostas: 1. Toda criação repete o ato cosmogônico pré-eminente, a criação do mundo. 2. Consequentemente, qualquer coisa que é fundada tem sua fundação no centro do mundo (desde que, como sabemos, a própria Criação teve lugar a partir de um centro) (Eliade, 1992:24).

E a cosmogonia é justamente um retrato da criação (Eliade, 1992:29).

Um adendo sobre a dicotomia entre o tempo profano e o tempo mítico é que o sujeito vive num tempo profano, ou seja, o tempo “normal” ou, melhor dizendo, “comum”, o que implica que o tempo mítico acontece em períodos determinados, apenas “no momento certo”.

Em suas próprias palavras, Eliade (1992:37-38) explica:

a abolição do tempo profano e a projeção do indivíduo para o tempo mítico só acontecem nos períodos essenciais — isto é, naqueles em que o indivíduo de fato é ele próprio: por ocasião de rituais ou atos importantes (alimentação, geração, cerimônias, caça, pesca, guerra, trabalho).

Desse modo que adentrar no tempo mítico exige, de partida, o sujeito inteiro naquela ocasião.

Em Eliade buscamos um aprofundamento sobre o mito, e o entendimento do que ele caracteriza por Eterno Retorno, configurado, em poucas palavras, pelo tempo cíclico que é, antes de mais nada, uma maneira de pensar o mundo, de entender que nossas ideias, assim como o nosso “eu”, vão e voltam, que se transformam quando entram em relação com o mundo ou com um outro sujeito. Em meio a esta complexa relação entre o sujeito e o outro, buscamos em Martin Buber um pouco da sua sabedoria tecida na obra *Eu-Tu*.

## **Martin Buber**

Martin Buber, nasceu em Viena a 8 de fevereiro de 1878 e faleceu em Jerusalém no dia 13 de junho de 1965. Foi filósofo e publicou no ano de 1923 o texto *Eu e Tu*.

Em suas ideias, é possível identificar que não há a existência plena do homem se não houver relação. Para a existência humana, Buber compreende que só pode existir por conta da relação dialógica entre o “eu” e o “tu”. Pelos caminhos de uma *filosofia do encontro*, Buber entende que a intersubjetividade é a interrelação que compreende o diálogo, o encontro e a responsabilidade por parte dos sujeitos. Sendo a intersubjetividade, por conta da relação dialógica, uma das áreas em que se desenvolve a vida humana, o pensador enxerga na Antropologia Filosófica o dever de pensar essa interrelação.

A filosofia de Buber pode ser enquadrada como uma ontologia da palavra, sendo que esta é dialógica. As palavras que podemos proferir são duas: Eu-Tu e Eu-Isso, existindo na primeira, a possibilidade de falar com o Tu Eterno, entendido como Deus. As palavras princípio funcionam como ações para o homem, compõe seu *ethos*, o caminho que trilhará pela vida, atualizando suas relações ou objetivando e experienciando o mundo. O homem pode agir pela relação Eu-Tu, ou objetivar a experiência pela palavra princípio Eu-Isso. Para Von Zuben (2006:32): “Uma é a atitude cognoscitiva e a outra atitude ontológica”. Ou como afirma Liana Gottlieb (1996:79) que para Buber “a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem, através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros”. É uma maneira de se atualizar perante o mundo e os homens.

São duas as possibilidades do homem: dizer Eu-Tu ou dizer Eu-Isso. A palavra, nesse sentido que Buber pensa, é possuidora de uma postura frente ao mundo e frente aos sujeitos. A primeira, pois, compreende a interrelação, o “entre os homens”, é a relação. Sugerindo essa relação como momento em que o homem se atualiza e atualiza o outro, compõe-se a ótica buberiana frente a uma *filosofia do encontro*. “Não há Eu em si, mas apenas o Eu da palavra princípio Eu-Tu e o Eu da palavra princípio Eu-Isso” (Buber, 2006:53). O homem é um ser de relações.

Frente ao mundo do Tu, existe o reino do Isso, que se configura como a ação humana que possui algo como objeto, que serve como “experienciador” ao sujeito que experiencia esse objeto. Uma verdadeira coisa. O mundo enquanto experiência faz parte do Isso.

Para o acontecimento da relação é necessário o diálogo. Para o pensador, o diálogo “é a forma explicativa do fenômeno do inter-humano que, por sua vez, implica na presença do evento de encontro mútuo” (Gottlieb, 1996:80). E são três as esferas em que se opera essa relação dialógica: a) vida com a natureza (aquém à linguagem; limiar da palavra é o horizonte de contato entre os sujeitos); b) vida com homens (esfera em que endereçamos e recebemos a palavra-princípio Tu); e c) a vida com os seres espirituais que contempla a criação da linguagem. O pensador frisa que na categoria do “entre” os homens não existe nada. Tudo o que fica entre o Eu e o Tu é uma forma de barrar a relação, pois a relação deve se compor de um contato imediato. O face a face: autêntica relação em que “ela atua sobre mim assim como eu atuo sobre ela” (Buber, 2006:58).

A negação da relação ou o seu distanciamento é encarado por Buber (2006:57) como uma maneira de experienciar o outro. “Eu não experiencio o homem a quem digo Tu. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio. Somente quando saio daí posso experienciá-lo novamente. A experiência é distanciamento do Tu”. Gottlieb (1996:81) lembra que “em Buber o significado simplista de pessoa [ao Tu] e ao Isso o significado de coisa, objeto” é uma leitura rasa. Igualmente alertado por Von Zuben, uma vez que

Eu-Tu não é exclusivamente a relação inter-humana. Há muitas maneiras de Eu-Tu e o Tu pode ser qualquer ser presente no face-a-face: homem, Deus, uma obra de arte, uma pedra, uma flor, etc. Assim como o Isso pode ser qualquer ser que é considerado um objeto de uso, de conhecimento, de experiência de um Eu. De forma alguma o outro pode ser um objeto. Caso isto ocorra, o Tu já não é mais senão um Isso, uma soma de qualidades, útil a um propósito realizável.

E sem Tu não existe Eu. Transformar o Tu em Isso<sup>3</sup> significa transfigurá-lo em algo, em objeto, eu o desatualizo, nos desencontramos no tempo da vida atual. Desse modo o Eu da relação Eu-Tu vira um Eu que só conhece o passado. Nas palavras de Buber (2006:60): “... na medida em que o homem se satisfaz com as coisas que experiencia e utiliza, ele vive no passado e seu instante é privado de presença. Ele só tem diante de si objetos, e estes são fatos do passado”. Von Zuben completa ao afirmar que o “Tu orienta a atualização do Eu e este, pela sua aceitação, exerce sua ação na presentificação do outro que, neste evento, é o seu Tu”

---

<sup>3</sup> Como veremos mais adiante é possível e inevitável que isso aconteça. Daí a ideia de uma “nostalgia” do humano.

(Zuben, 2006:39). Está no reino do Tu aquele que vê um ser em sua totalidade, que possui uma visão compreensiva do outro (nos dois sentidos que a palavra compreensão possui: tanto a de separar para entender quanto a de juntar, abraçar, *comprehendere*. “Compreender (...) evoca originalmente o sentido de juntar, abraçar, integrar. É cognição. Interpretação. Explicação” (Künsch, 2008a:173) mas, além desse primeiro sentido, há um outro significado para o termo compreender, que entende a sua relação “com a intersubjetividade os vínculos humanos” (Kunsch, 2008a: 188). Compreender num sentido mais amplo e intersubjetivo, compreender os afetos entre os sujeitos.

A nostalgia que é notada na obra de Buber (2006:63) se apresenta na seguinte afirmação:

“Todavia, a grande melancolia de nosso destino é que cada Tu em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um Isso. Por mais exclusiva que tenha sido a sua presença na relação imediata, tão logo esta tenha deixado de atuar ou tenha sido impregnada por meios, o Tu se torna um objeto entre objetos, talvez o mais nobre, mas ainda um deles, submisso à medida e à limitação. (...). E o próprio amor não pode permanecer na relação imediata; ele dura, mas numa alternância de atualidade e de latência. O homem, (...), que não podia ser experienciador, mas, somente tocado, torna-se de novo um Ele ou Ela, uma soma de qualidades, uma quantidade com forma.

Essa “coisificação” causa a nostalgia no Eu, que necessita a relação para sua plena vivência humana. Anseia e pede pelo *encontro*. Por este motivo que a relação reside no começo, pois antes da fala, da palavra ser pronunciada pelo humano, antes de um meio, existe a relação. E quando acontece essa ação, é aí que se chega ao Isso. Não existe permanência no Tu. Acontece um distanciamento do Eu em relação ao Tu quando a percepção do homem passa de uma postura primitiva a uma forma teórica-cognitiva, como diz Buber (2006:67):

“no momento em que o Eu da relação se põe em evidência e se tornou existente na sua separação, ele se dilui e se funcionaliza de um modo estranho, no fato natural do corpo que se distingue do seu meio ambiente e deste modo descobre a egoidade. Somente então pode surgir o ato consciente do Eu, a primeira forma da palavra-princípio Eu-Isso, a primeira experiência egocêntrica: o Eu que se distanciou, aparece então como o portador de suas sensações das quais o meio ambiente é objeto.

O Eu-Tu é a palavra do diálogo, da compreensão. A palavra-princípio Eu-Isso é da separação.

Buber (2006:73) destaca uma diferença profunda entre os significados de Tu e de Isso.

O mundo do Isso é coerente no espaço e no tempo. O mundo do Tu não tem coerência nem no espaço e nem no tempo. Cada Tu, após o término do evento da relação deve necessariamente se transformar em Isso. Cada Isso pode, se entrar no evento da relação, tornar-se um Tu.

O Tu não é, necessariamente, apenas o dizer uma palavra, som produzido pelas cordas vocais, mas, antes, uma atitude frente ao mundo. A transformação do Tu em Isso, e vice-versa, corresponde à realidade do homem no mundo, pois não existe homem sem o Isso, mas aquele que tenta viver apenas com o Isso não se configura enquanto humano, pelo menos não em sua máxima condição de qualidades humanas.

## **Convergências do pensamento**

Vistas as ideias de ambos os pensadores, agora partimos para ligar os pontos desse pensamento e chegar onde propusemos: indicar se há uma relação entre a ideia de relação dialógica (Eu-Tu) com o Mito do Eterno Retorno, e se existir tal ligação, identificar quais são suas convergências.

Em ambos os autores percebemos a ideia da perda do humano que age no mundo para tentar retornar a uma origem, em Eliade essa noção surge quando ele comenta da repetição dos atos primordiais, conforme podemos observar na seguinte passagem (1992:38):

(...) descobrimos um segundo aspecto da ontologia primitiva: até o ponto em que um ato (ou um objeto) adquire uma determinada realidade, por intermédio da repetição de certos gestos paradigmáticos, e só assim consegue adquiri-la, verifica-se uma abolição implícita do tempo profano, da duração, da "história"; e aquele que reproduz o gesto exemplar vê-se desse modo transportado para a época mítica em que sua revelação teve lugar.

Em Buber essa noção da perda é justamente a repetição em contraponto à nossa nostalgia da relação dialógica. Falar Eu-Tu é como repetir um ato primordial: o Eu sente essa nostalgia, a falta do Tu, pois vivemos no mundo do Isso, na História para Eliade, mas não é possível viver só nesse mundo. “Como é poderosa a continuidade do mundo do Isso! E como são frágeis as aparições do Tu!” (Buber, 2006:116). Sentimos a necessidade de repetir o ato primordial, que é entrar em relação com o outro, que significa em outras palavras ter uma postura dialógica frente ao mundo.

Em um exemplo: no caso do rito do ano novo, que configura a “(...) ideia central do retorno anual ao caos, seguido de uma nova criação” (Eliade,1992:62), todo ano nós renovamos o caos, recriamos o mundo, fazendo com que ele se sustente por mais um ano. Eliade compreende que o ato cosmogônico reencena o caos e depois a sua organização. Já, Buber, entende que a relação Eu-Tu é o momento de atualização do sujeito, de organização: do cosmo. O caos, dessa maneira se encontra na coisificação do sujeito, na transformação do Tu num Isso, pela objetivação do mundo. O tempo cosmogônico está para a relação Eu-Tu, bem como a história está para a palavra-princípio Eu-Isso. A História mora no reino do Isso, das coisas.

Como afirma Eliade (1992:31): “O mito é ‘tardio’ apenas em sua formulação; mas seu conteúdo é arcaico, e refere-se aos sacramentos — isto é, aos atos que pressupõem uma realidade absoluta, uma realidade que é extra- humana”. À origem, ao ato primordial, damos o nome de arquétipo claramente ouvindo as palavras de Buber (2006:63): “no começo é a relação” e sempre que retomamos a palavra-princípio Eu-Tu voltamos a esse início. É aí que acontece o reencontro, momento em que o caos do mundo das coisas é ordenado e se transforma em cosmos. Dessa maneira, entendemos que ambos dizem coisa semelhante: o ritual renova o homem frente a vida sempre que falo a palavra princípio Eu-Tu, e aí eu atualizo a minha existência.

## **Caminhos encontrados**

Este trabalho tentou aproximar as ideias que dois autores desenvolveram em suas vidas, guiando-se por uma visão ontológica, ou seja, sempre buscando entendimento do mundo pelos sujeitos, pelo *ser*. Dessa maneira, cabem aqui, como últimas palavras desse artigo, parte do que Eliade (1992:89) diz:

Pouco importa se as fórmulas e imagens através das quais o homem primitivo expressa a "realidade" pareçam infantis e até mesmo absurdas para nós. É o profundo significado do comportamento primitivo que consideramos revelador; esse comportamento é governado pela crença numa realidade absoluta, oposta ao mundo profano das "irrealidades"; em última análise, este último não constitui um "mundo", propriamente falando: ele é o "irreal" *par excellence*, aquele que não foi criado, o não existente: o vazio. Assim, consideramos justo falar de uma ontologia arcaica, e é apenas ao levar em consideração essa ontologia que seremos capazes de entender e de

não desprezar com zombarias mesmo o mais extravagante comportamento de parte do mundo primitivo; na verdade, esse comportamento corresponde a um esforço desesperado no sentido de não perder contato com o ser.

Palavras que indicam um entendimento de que o humano não se transformou em outra coisa por conta dos diferentes conhecimentos produzidos, mas que continuamos buscando entendimentos de nós mesmos, que esboçamos na forma de rituais. Nessa busca, infelizmente, descobre-se que nós tentamos a todo custo nos distanciar dos rituais que ordenam nosso mundo desde os tempos antigos. E nesse sentido que a afirmação de Eliade é valiosa: não devíamos desprezar nossos conhecimentos arcaicos. Repetir um gesto arquetípico significa “a regeneração do mundo e da vida através da repetição da cosmogonia” (Eliade, 1992:65), ou seja, significa organizar nosso mundo.

É a partir da relação dialógica, verdadeiro diálogo, que conseguimos organizar o Eu e aí organizar nosso mundo. Nosso entendimento e organização do mundo, nesse sentido, só podem ser completos quando em nossa existência entramos em relação “Eu-Tu” com o outro.

Não esperamos fechar a questão que levantamos com este primeiro trabalho, mas, sim, abrir nossos olhos para essa possível interação teórica entre os autores. Sendo assim, o intuito é o de aumentar nossas perspectivas no que concerne a uma ontologia humana do ponto de vista das relações dialógicas que abarcam nosso pensamento comunicacional.

## **Referências**

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Centauro: São Paulo, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 15ª edição. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Mercuryo: São Paulo, 1992.

GOTTLIEB, Liana. **Mafalda vai à escola: a comunicação dialógica de Buber e Moreno na educação, nas tiras de Quino**. Instituto Latinoamericano de la Comunicación Educativa: São Paulo, 1996.

KÜNSCH, Dimas. Teoria compreensiva da comunicação. In KÜNSCH, D. e MARTINO, Luiz (orgs.) **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. Plêiade: São Paulo, 2008a, p: 173-195.

KÜNSCH, Dimas. Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador. **Líbero**, ano XI, n. 22, dezembro 2008b, pp. 41-51.

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

KÜNSCH, Dimas. *Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço*. In KÜNSCH, D. e MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2010. p. 13-47.

KÜNSCH, Dimas. “Saber, afeto e compreensão: epistemologia da comunicação e dialogia”. **Líbero**, São Paulo. V. 14, nº 27, jun. de 2011, p. 31-42.

LAGE NETO, Gabriel. **Mito e comunicação**: a importância da mitologia e sua presença na mídia. São Paulo: Plêiade, 2010.

SANTIAGO, Maria Betânia. **Formação e Diálogo nos discursos de Martin Buber**. [online] Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2672--Int.pdf>>. Acessado em 15/01/2014.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. Introdução. In BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Centauro: São Paulo, 2006.